

Hábil é o dr Ulysses

Villas-Bôas Corrêa

Cinco governadores do PMDB, convocados mais ou menos ao acaso, reuniram-se no Rio e, ocupando o imenso vácuo do comando partidário, decidiram articular a redução para quatro anos do mandato do presidente José Sarney.

Ouvido, como de costume, ante o fato consumado, o dr Ulysses fez-se solene e com a gravidade bem-composta da sua heráldica figura, cunhou duas ou três frases redondas, anunciadas sem desembaraço mas com ênfase e recolheu-se ao seu fecundo e bem-administrado silêncio. Na moita, vai esperar para ver como param as modas e, uma vez certificado, sem erro possível, da tendência do partido, saltará à frente, sacudindo o bastão de liderança, puxando o cordão do consenso.

Extraordinário dr Ulysses! Há anos repete o mesmo truque, bisa a mesmíssima tática e assim consolidou a justa fama da legendária habilidade. Não se fala no nome do dr Ulysses sem o contraponto do reconhecimento, adornado de admiração, à sua fabulosa habilidade.

Lá é verdade que nos duros tempos de resistência ao arbítrio, o dr Ulysses expunha-se mais, esgrimindo algumas das suas generosas qualidades de bravura, ousadia e o toque romântico de um sincero convicto na superioridade do regime democrático, de um praticante dos deveres cívicos, reverente aos valores eternos da liberdade.

Mas, à medida que se foi aproximando do poder, o dr Ulysses foi apurando a habilidade, cultivando-a como a suprema das artes, perfeccionista capaz de requintes de um filigranista. Nem sempre os resultados parecem fazer justiça ao artifice apaixonado e obsessivo da articulação sempre conduzida para alcançar o objetivo superior da reverência ao tabu da unidade do PMDB.

Na transição, por exemplo, o dr Ulysses recolheu toda a emoção das ruas, os aplausos dos comícios, a homenagem do povo, definido no carinho do título de Mister Diretas. E chegou a acreditar, no fundo do coração, que a pressão do povo mobilizado derrubaria as últimas trincheiras de resistência do Congresso, com a aprovação, pelo *quorum* inacessível de 2/3, da emenda Dante de Oliveira.

O hábil dr Ulysses perdeu com todas as glórias. E cedeu a vez ao presidente Tancredo Neves que entrara na campanha como um enxadrista, mentalizando dois, três lances adiante, fria e lucidamente cético quando ao destino final da emenda manipulada como um instrumento de ação política e não como uma ilusão.

Aconteceu o inesperado e o dr Ulysses ocupou novamente o centro do palco como o fiador do apoio do partido majoritário ao presidente alçado pelas circunstâncias. Hábil, cercou, constrangeu, pressionou, impôs, vigiou, humilhou o presidente José Sarney até que as relações pessoais se deteriorassem, para exibi-



las ao público no disfarce andrajoso de amabilidades cruzadas que não enganam a ninguém. Não há peneira que tape o sol de uma evidência luminosa: o presidente e o dr Ulysses se detestam com a forçada cordialidade de uma dependência alinhavada com o fio podre de incidentes em penca, cutucadas, pedidos de desculpas, a foto da reconciliação a lampear no brilho alvar dos sorrisos constrangidos.

Enquanto se afastava e aproximava do Presidente, como um toureiro biruta, o dr Ulysses aplicava a sua mítica habilidade em outras frentes, acumuladas pelo seu apetite de presidenciável teimoso, insistente, de plantão.

A presidência do PMDB, ocupada em aparafusada vitaliciedade, instigou o hábil dr Ulysses a aplicar, com invariável determinação, a receita do escapismo. O PMDB virou uma legenda a fugir da sua sombra para preservar a unidade. Nunca se vira espetáculo igual: o maior partido da história política do país, depois de vinte anos de luta vitoriosa contra o militarismo, chega ao poder sem uma única proposta, sem uma idéia, sem uma só e escassa posição sobre qualquer coisa.

Manipulada com a habilidade de bruxaria, a indefinição tangeu o PMDB para crises em cima de rachas, sempre evitados à última hora com o golpe mágico de mais um adiamento. E foi assim até na Convenção Nacional; está sendo assim, desde o começo, na Constituinte.

O retrato do PMDB está estampado na Constituinte, nas suas hesitações, recuos e perplexidades. A legenda majoritária não bancou um anteprojeto, não tem uma só proposta, não há uma emenda do partido.

A desatenção dos deuses miúdos da política não fez justiça à habilidade do dr Ulysses na presidência do PMDB.

E se, como já ensinavam os antigos, uma desgraça nunca vem só, as outras presidências confiadas à habilidade do dr Ulysses também não apresentam resultados brilhantes.

Na Constituinte é o que se está vendo. A pobrezinha largada às traças, sem partido nem liderança, só agora encontra os seus caminhos, na hora decisiva das votações no plenário. E como o hábil dr Ulysses não era visto nem encontrado para decidir, o buraco do PMDB e da sua liderança estão sendo preenchidos pela improvisação do Centrão. A Constituição que está pintando não terá dono, jamais será a Constituição do partido da transição e da vitória eleitoral recordista.

Da presidência da Câmara, não há o que falar. Desativada, à sombra, a Câmara ruma as suas mordomias e purga sua inutilidade.

Por certo, azares não maculam a imagem do dr Ulysses. Ele é dos eleitos privilegiados pela sorte que conhecem a glória da imortalidade em vida e podem posar com a esfinge metalizada do busto, movimenta-se com o passo lento e solene da estátua em corpo inteiro. Cada uma das suas frases, a que não falta o enfeite do bom gosto literário, salta da boca pronta para as aspas e a placa. O país não se cansa de reverenciar, prostrado em adoração, a sua habilidade, mito e lenda eterna desses tempos.

Mas, não parece com alguma página famosa da literatura portuguesa?